

# Senna acha ajuste agora mais difícil do que em 1985

22 MAI 1988

TRAJANO DE MORAES

O GLOBO

“Não ajustar a economia também tem um custo”. Com essa frase, o Diretor Financeiro e da Área Internacional do Banco Boavista, José Júlio Senna, sintetizou sua expectativa de que a economia brasileira feche o ano com crescimento nulo do Produto Interno Bruto (PIB) e com retração — da ordem de -2% — da produção industrial, não devido ao ajustamento da economia, mas pela falta dele.

Senna, que ocupou a Diretoria da Dívida Pública do Banco Central no início da Nova República, acha que o País atravessa um momento semelhante ao do primeiro trimestre de 1985, quando tinha quase pronto um acordo com os bancos credores e o Governo se dividiu a respeito da necessidade de um ajuste interno da economia. Naquela época, a Fazenda e o Banco Central se chocaram com o restante do Governo e isso resultou na saída do Ministro Francisco Dornelles e de toda a diretoria do BC, à frente o economista Antônio Carlos Lemgruber. O Ministro Dilson Funaro também adiaria o ajuste, fazendo o Plano Cruzado e a moratória.

Para Senna, o atual Governo também enfrenta dividido o dilema do ajuste interno, com o Ministro da Fazenda e o do Planejamento encontrando resistência aos planos de austeridade. Daí a seu ver — a insistência dos bancos credores num esquema que vincule o acordo sobre a dívida externa, praticamente fechado, ao compromisso com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Se em 1985 havia necessidade de ajustamento, com o déficit público na casa dos 4% do PIB, inflação nos 9 a 10% mensais e reservas de US\$ 8



Senna: produção industrial cairá 2%

bilhões (CZ\$ 12,41 trilhões), essa necessidade é muito mais premente hoje, segundo o Diretor do Banco Boavista, quando o País vive o que denominou de descontrole fiscal, com o déficit público da ordem de 7% do PIB, inflação mensal batendo nos 20% e reservas de cerca de US\$ 4 bilhões (CZ\$ 6,22 trilhões). Acresce que o estado de espírito da sociedade é muito pior: em 1985, o País saíra da recessão com a economia crescendo 8,4%, agora caminha para a desaceleração com algumas frustrações políticas e econômicas acumuladas.

O que preocupa José Júlio Senna não é tanto que o ajuste passe pelo FMI, mas o ambiente desfavorável ao programa. Ele acha que é possível fazer acordo com o Fundo e uma política de ajustamento sem cair numa recessão.